



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ – CCIM
CURSO DE PEDAGOGIA

GLÊICIA RODRIGUES DE SOUSA

PROBLEMATIZAÇÕES E PROPOSIÇÕES DE LETRAMENTO DIGITAL NA
PRÁTICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL

Imperatriz-MA

2024

GLÉICIA RODRIGUES DE SOUSA

**Problematizações e proposições de letramento digital na prática do professor
do ensino fundamental**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão - Centro de
Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIM), como requisito
para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Késsia Mileny de Paulo
Moura

Imperatriz-MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Glêcia Rodrigues de.

Problematizações e proposições de letramento digital na
prática do professor do ensino fundamental / Glêcia
Rodrigues de Sousa. - 2024.

50 p.

Orientador(a): Késsia Mileny de Paulo Moura.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz-ma, 2024.

1. Era Digital. 2. Letramento Digital. 3. Prática
Docente. 4. Aluno. 5. . I. Paulo Moura, Késsia Mileny
de. II. Título.

GLÉICIA RODRIGUES DE SOUSA

**PROBLEMATIZAÇÕES E PROPOSIÇÕES DE LETRAMENTO DIGITAL NA
PRÁTICA DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da
Universidade Federal do Maranhão - Centro de
Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIM), como requisito
para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Késsia Mileny de Paulo
Moura

Data da defesa: 10/07/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Késsia Mileny de Paulo Moura (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Herli de Sousa Carvalho
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Edilmar de Sousa
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a Deus, meus pais, avós e a
todos que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que me tem me agraciado com grandes dádivas, inclusive a força e fé suficientes para vencer todas as dificuldades.

Sou grata a toda minha família, em especial a minha mãe Clerismar Rodrigues de Souza e a meu pai Antônio Francisco de Sousa Filho; a meus irmãos Antanael Rodrigues de Souza e Antoniel Rodrigues de Souza, os quais se puseram prontos a me ajudar sempre que necessitei. Agradeço, especialmente, as minhas queridas avós Maria Josefa de Jesus e Expedita que sempre me incentivaram e me apoiaram, também ao meu.

Dedico também, meus agradecimentos aos meus queridos e amados avôs João Rodrigues de Sousa (*in memorian*) e Antônio Francisco de Souza (*in memorian*), este momento de realização era um sonho para meu avô Antônio, este desejava ter contemplado a conclusão da minha formação acadêmica,

Agradeço à minha colega Karine Santos Neve, que esteve comigo ao longo de todo trajeto da graduação em Pedagogia, sendo minha companheira nos Estágios, atividades, seminários e estudos..., enfrentamos e vencemos juntas vários desafios, é hoje agradeço à essa amizade gerada no seio acadêmico.

E, por fim, não posso deixar de agradecer à minha orientadora Késsia Mileny de Paulo Moura que com toda dedicação sempre esteve a me orientar. Assim como a todo o corpo docente.

Obrigada a todos que fizeram parte desse momento.

RESUMO

As inovações tecnológicas digitais vêm demonstrando mudanças na forma de informação e comunicação do ser humano e, conseqüentemente, requerendo novas habilidades de construção e uso de linguagens e escrita no ambiente virtual. A educação, nesse sentido, tem sido problematizada nesta Era Digital, quanto a integração de mudanças na forma como lida com os recursos digitais do aluno contemporâneo, assim como, a responsabilidade de lhes possibilitar uma mediação pedagógica com via ao desenvolvimento do Letramento Digital. Neste trabalho, objetivou-se analisar as problematizações e proposições sobre o letramento digital no trabalho de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, baseando-se no trabalho do professor com as novas linguagens e habilidades digitais na contribuição da formação do aluno para o mundo contemporâneo. Para isso, primeiramente, é apresentado um estudo bibliográfico à luz de autores como Soares (2002), Pischetola e Heinsfeld (2018), Azevedo et al (2018), e dentre outros; posteriormente, é revelado os resultados de uma pesquisa qualitativa, realizada com sete professores da Rede Pública de Ensino da Cidade de João Lisboa, que foram entrevistados com vistas a obter os dados que foram analisados. Encontra-se, então, a precariedade da formação continuada e a falta de políticas de inclusão digital como empecilho de desenvolvimento de ações pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de um Letramento Digital. Percebe-se que, o uso e/ou valorização das habilidades digitais no interior da escola encontram-se em processo, sendo dadas por via de metodologias docentes envoltas em proposições de letramento.

Palavras-Chave: Era Digital; Letramento Digital; Prática docente; Aluno.

ABSTRACT

Digital technological innovations have demonstrated changes in the way human beings receive information and communication and, consequently, require new skills in constructing and using languages and writing in the virtual environment. Education, in this sense, has been problematized in this Digital Era, regarding the integration of changes in the way it deals with contemporary students' digital resources, as well as the responsibility of enabling them to provide pedagogical mediation towards the development of Digital Literacy. In this work, the objective was to analyze the problematizations and propositions about digital literacy in the work of Portuguese Language teachers in Elementary School, based on the teacher's work with new languages and digital skills in contributing to student training for the contemporary world. . To this end, firstly, a bibliographical study is presented in the light of authors such as Soares (2002), Pischetola and Heinsfeld (2018), Azevedo et al (2018), and among others; subsequently, the results of a qualitative research are revealed, carried out with seven teachers from the Public Education Network of the City of João Lisboa, who were interviewed with a view to obtaining the data that were analyzed. Therefore, we find the precariousness of continued training and the lack of digital inclusion policies as obstacles to the development of pedagogical actions aimed at developing Digital Literacy. It is clear that the use and/or valorization of digital skills within the school is in process, being given through teaching methodologies wrapped in literacy propositions.

Keywords: Digital Age; Digital Literacy; Practice Teacher; Student.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 LETRAMENTO DIGITAL E SEUS AGENTES NA SALA DE AULA	12
2.1 Entendendo o conceito de Letramento Digital.....	13
2.2 Os sujeitos do processo educativo na era digital.....	21
3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SEUS USOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	24
3.1 Escrita e leitura digital	27
3.2 O uso de tecnologia digital no processo educativo.....	29
4 NOS DESAFIOS DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL, AS PROPOSIÇÕES DE USO DAS TDIC E O LETRAMENTO DIGITAL	34
4.1 Alunos em estado de atenção <i>offline</i> nas aulas presenciais e <i>online</i> nas redes sociais e as proposições dos professores.....	35
4.2 A problematização da presença de novas Linguagens Digitais na escola.....	39
4.3 Práticas pedagógicas, linguagens e letramento digital.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERENCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A tecnologia tem sido provocadora de transformações sociais na forma como o ser humano interage, relaciona-se e aprende. Assim, o que mais se observa na amplitude da propagação tecnológica e da diversidade de recursos digitais de informação e comunicação, provenientes de suas inovações, no decurso dos últimos anos é, além dos possíveis em outros âmbitos sociais, o seu aproximado e promissor contato com a educação, que encontra nas 'novas linguagens midiáticas', um caminho de construção educacional na qual é operante uma reformulação das práticas de leitura e escrita, ou seja, de letramento, como caminho para a constituição de novas habilidades de linguagens necessárias para a Era Digital.

Vemos que o avanço tecnológico tem originado – por via das adequações na linguagem e comunicação – o surgimento de novas habilidades em variados campos de convivência e do saber, as quais, fundamentam-se em questões relativas aos modos de dialogar e criar com as novas 'tecnologias digitais de informação e comunicação' que concentram as novas funcionalidades da Era Digital, necessárias ao sujeito contemporâneo.

Diante disso, observa-se que as inovações estabelecidas no contexto comunicacional e tecnológico, mobilizaram alterações estruturais, atingindo diretamente os modos 'tradicionais' de escrita e leitura. Posto isso, compreendemos o ingresso de novas habilidades, tanto textuais quanto da própria leitura, como novas e necessárias atribuições educacionais, que a realidade e o contexto social do aluno do século XXI denotam, isto é, qualificações textuais digitais.

Este estudo surgiu como interesse da pesquisadora durante o período pandêmico originado pela Covid-19, quando o protagonismo da tecnologia como ferramenta educacional teve seu auge de uso. Nesse período, surgiram certos desafios para o docente, inclusive na formação do aluno contemporâneo mediante ao uso das tecnologias digitais. Em meio a este contexto, surgiu a proposta de pesquisa que aqui é apresentada, pois, no decorrer da formação do pedagogo, este, deve adquirir conhecimentos que venham a fundamentar sua prática docente e contribuir ainda mais na educação dos discentes.

Assim, o trabalho aqui escrito, possui como foco o estudo do letramento digital, diante da necessidade de formação que ultrapasse uma mera concepção técnica e

desprovida de significado da ação do letramento digital. Nesse sentido, procuramos indagar: Que cenários, linguagens e habilidades necessárias ao aluno contemporâneo o contexto escolar se depara, que suscite a perspectiva de letramento digital? O que o professor de língua portuguesa do Ensino Fundamental tem entendido e promovido com vistas ao letramento digital dos alunos? Isto posto, traz como objetivo geral o analisar as problematizações e proposições sobre o letramento digital no trabalho de professores de língua portuguesa do ensino fundamental.

Para alcance do objetivo levantado, a constituição metodológica adotada para esse estudo conjuga-se de uma organização sistemática que, inicialmente, conduziu-se por um estudo bibliográfico, este, fundamentado à luz de autores como Soares (2002), Pischetola e Heinsfeld (2018), Azevedo *et al* (2018), dentre outros que contribuíram para a construção bibliográfica referenciada. Nesse momento, o uso do *Google acadêmico* foi essencial para a construção da fundamentação, os quais, foram selecionados mediante artigos e obras acadêmicas recentes e atualizadas, que orientem um estudo crítico e analítico, a respeito do Letramento Digital e Habilidades Digitais contemporâneas e suas implicações para a escola e prática do professor. Resultados que serviram para a construção dos capítulos 1 e 2, conforme estrutura deste trabalho.

Posteriormente, são apresentados os dados concernentes ao trabalho dos professores em relação ao letramento digital, por base de uma pesquisa de campo – pautada em uma abordagem qualitativa –, na qual, deu-se mediante o critério, a saber: professores dos últimos anos do Ensino Fundamental que compõem a área de ensino de linguagem, na Cidade de João Lisboa, convidados a uma entrevista que, na visão de Leitão (2021, p. 7) possibilita que o “pesquisador obtenha material minucioso e profundo sobre uma questão de estudo, em particular sobre aspectos que não são capturáveis pela observação direta do fenômeno”, por meio delas objetivamos a geração de dados complementares, almejando o enriquecimento da pesquisa. Dados esses coletados e devidamente analisados à luz da fundamentação teórica, constituindo-se nosso terceiro capítulo. Logo em seguida trago as considerações finais, apontando o que de mais relevante refletirmos a partir dos dados e suas análises.

2 O LETRAMENTO DIGITAL E SEUS AGENTES NA SALA DE AULA

Diante da atual realidade, instituída pelo ingresso de inovações tecnológicas digitais no contexto de variadas atividades na vida do ser humano — partindo de questões sociais, financeiras, trabalhistas, interacionistas, dentre outras —, verifica-se profunda mudança comportamental e cognitiva, relativa às diversas formas de ação humana.

Nesse sentido, fica perceptível que a tecnologia tem desencadeado transformações sociais na forma como o ser humano interage, relaciona-se e aprende. Assim, o que mais se observa na amplitude da propagação tecnológica e da diversidade de recursos digitais, provindas das inovações no decurso dos últimos anos é, exatamente, o seu estreito contato com a educação.

Pischetola e Heinsfeld (2018), retratam que, tais mudanças, sendo estabelecidas como consequência da presença, cada vez maior, de Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação – as conhecidas TDIC – no interior das dinamicidades sociais do cidadão, têm-se, então, gerado dentro das produções socioculturais mudanças que alcançaram também a área educacional. Dentro da educação, dizem os autores, que tais especificidades no contexto comunicacional, abarca a presença de novas linguagens, as quais, modificam, mediante a Internet, o conceito de aprendizagem, pesquisa, alfabetização e letramento: são as ditas linguagens midiáticas.

Observamos que, tal relação, encontra nas 'novas linguagens midiáticas', um novo construto educacional que corresponde à uma transformação socioeducativa, operante em uma reformulação da leitura, escrita e do próprio letramento, isto é, a constituição de novas habilidades de linguagens, necessárias para a Era Digital.

Azevedo *et al* (2018, p. 615) mostra que “as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) alteraram as formas de relações socialmente construídas, rompendo limites de tempo e espaço, o que repercutiu, diretamente, nos modos de produção textual”. Assim, conclui-se que tais inovações mobilizaram modificações estruturais, atingindo, diretamente, as concepções tradicionais de escrita e leitura.

Posto isso, compreendemos que a nova realidade digital resultou em uma nova realidade na forma de se aprender e, conseqüentemente, na forma de se ensinar.

Entretanto, Pischetola e Heinsfeld (2018), apontam, com base nos estudos recentes, que a realidade do contexto escolar em relação a integração de TDIC pendem ao tradicionalismo educacional, onde a inovação tecnológica não encontra espaço. Por esse motivo, as tecnologias, como apoio metodológico pedagógico, encontram-se escassas e, até mesmo, nulas, em muitas instituições escolares. Fato que demonstra atrito no quesito do desenvolvimento educacional pautado na realidade social atual, que gerou a necessidade de novas práticas de letramento, o qual, designa-se como 'letramento digital', que falaremos agora.

2.1 Entendendo o conceito de Letramento Digital

No que tange à leitura presente na 'era digital', o que se pode afirmar é que, esta, tende a se firmar no contexto tecnológico pautada pela internet e quão grandes espaços virtuais, nos quais, o cidadão contemporâneo usa as telas como seu "papel", onde ele escreve e também lê. Sendo a internet um espaço de imenso fluxo informacional, vem empenhando um trabalho de compartilhamentos de conhecimentos em massa, além de ser constituída como uma ferramenta de estudos e de constante pesquisa pelos cidadãos da atualidade. Sobre isso, Pischetola e Heinsfeld (2018, p. 3), expõem que:

Com o advento e divulgação da Internet em meados dos anos 1990, passou-se falar em *alfabetização midiática*, que abarcava a competência analítica dos navegantes da web, para analisar, criticar, filtrar e interpretar a informação acessada, e a capacidade de participar ativamente da produção de novos conteúdos (inicialmente textos com a web 1.0 e mais tarde imagens, vídeos, áudios e animações, com a web 2.0). (grifo das autoras).

A qualificação da 'leitura e escrita nas mídias', manifesta-se como uma habilidade que passou a ser identificada como necessária de propensão analítica, interpretativa, crítica e dialógica pelo sujeito, somente a uma década anterior ao início do século vigente, o qual as autoras caracterizam como "alfabetização midiática".

No findar do século passado, porém, observou-se a supremacia de uma concepção que imputava à prática de leitura e escrita (tanto formais, quanto em sua ramificação tecnológica) mediante a um rebaixamento técnico, o qual, a estabelecia como uma decodificação. Diante disso, Pischetola e Heinsfeld (2018) mencionam o ingresso de um pensar semelhante, no interior das habilidades midiáticas, as quais,

dispunham, na época, um pensar quanto às práticas ligadas às técnicas de conhecimentos relativos ao manuseio de máquinas.

Embarcando nesses conceitos, far-se-á mais nítido referente ao contexto histórico da linguagem midiática; inicialmente, o que se vê, dentro da História é, primeiro, uma concepção totalmente centralizada na alfabetização, seguido de uma visão que instou uma qualificação de letramento mais pautada nas habilidades concernente a ação social do indivíduo.

Rezende (2016) demonstra que, no Brasil, esse o pensamento vigente no que diz respeito ao letramento, consistia em uma leitura e escrita inteiramente imputadas a uma qualificação que instigava ao processo de Alfabetização. Portanto, estava firmemente enraizado na ideologia de que o cidadão, que sabia ler e escrever era aquele que possuía habilidades de decodificação silábica e sonora das letras e palavras. Assim, ressaltava o domínio técnico que eram reprodutoras de saberes indissociáveis da condição analítica do indivíduo, porque a “Alfabetização é definida como um processo de apropriação da técnica, dos procedimentos de leitura e de escrita” (Ribeiro; Freitas, 2011, p. 63).

Rezende (2016), porém, expõe a questão histórica brasileira que estimulou uma transformação conceitual de letramento como uma habilidade técnica provida da alfabetização. Pois, ver-se surgir, no ano de 1990, a emergência de novas habilidades consoante a leitura e a escrita, isto é, a composição de alfabetização em função do termo letramento já não era mais suficiente, visto que, passa a surgir novas necessidades de práticas sociais da leitura e escrita. Portanto, a mera decodificação de códigos, não abarcava uma proposta transformadora, a qual, o letramento passa a ser significativo.

Mediante isso, o conceito de letramento começa a se qualificar na atribuição de características que denotam o ler com reflexão, significação e uma habilidade de ação do sujeito no convívio social, dando-lhe capacidade de exercer uma leitura além da decifração, possibilitando o exercício da ação de uma leitura de mundo. Nesse sentido, o conceito de letramento passa a ultrapassar a visão de decifrador para estabelecer uma amplitude de conhecimento com via transformador, cultural e analítico.

Assim, letramento, de acordo com o exposto, passa a ser significativo daquilo que Pischetola e Heinsfeld (2018, p. 4), indicam:

[...] o letramento consiste em um processo que se estende pela vida inteira do indivíduo e que exige dele um exercício de adaptação constante ao contexto sociocultural e às novas linguagens. Dessa afirmação, percebemos que o letramento não termina com a aprendizagem do sistema de escrita e leitura: também o compõem as práticas sociais de ler e escrever, assim como os contextos em que elas se dão.

A compreensão de letramento, de acordo com as autoras, transcende para um conceito que se faz presente na vida dos indivíduos desde muito cedo, portanto, confere saberes que são imprescindíveis e essenciais para ações sociais, levando-os a adaptação social por via de práticas e saberes adquiridos; tal feito, resulta das noções da técnica seguida da sua prática em meio social. Assim, percebemos a importância quanto ao saber técnico, pois, para se fazer uma prática fundamentada é essencial que haja um 'fundamento', nesse contexto da alfabetização e letramento, a técnica condiz com o início da apropriação do 'saber ler' (decifração de códigos) seguida da aplicação do mesmo no contexto social.

O fato a se analisar é o uso da escrita e da leitura em uma atribuição que os determine como práticas sociais (e não apenas técnico) e prática libertadora – manifestante de ação reflexiva, crítica e analítica; uma leitura de mundo, capaz de ser utilizada na vida. O aprendizado da escrita e leitura é importante, contudo, de acordo com Pischetola e Heinsfeld (2018), o letramento não se limita a esse simples saber. Porquanto, há uma carência de uso deste saber no contexto sociocultural, o qual, impõe o desenvolvimento de novas mudanças sociais relativas às linguagens, por isso, surge a habilitação do letramento como uma leitura de mundo.

Por este motivo é que Rezende (2016) conclui que a adequação do termo, foi algo que perpassou a ideia de *alfabetizar* e se constituiu como um conceito conectado às práticas sociais de leitura e de escrita. Nesse sentido, Ribeiro e Freitas (2011, p. 63), demonstram que há um paralelo existente no interior da concepção de "Alfabetização como Letramento", consoante à escrita e leitura tradicional, com a concepção técnica operante no contexto da leitura e escrita midiática, pois elas comentam que a

alfabetização é aprendizagem da técnica, o processo de codificação e decodificação de uma linguagem. É uma apropriação tecnológica, operacional. Assim, a alfabetização digital estaria ligada ao uso técnico do computador e da internet, entre eles o uso do mouse e do teclado, decodificar ícones, símbolos, interfaces gráficas e programas. (Ribeiro; Freitas, 2011, p. 63),

Consoante as autoras, então, observamos que, no contexto midiático, o letramento estava associado à uma forma de “alfabetização digital”, isto é, às habilidades técnicas envolta do saber manual/operacional. Então, no contexto digital, a construção em meio a conceituação de letramento estava fortemente centralizada e fundamentada em uma manifestação de sentido referente a uma concepção de saber, puramente, atribuída à uma relação técnica: sendo esta, relativa ao manuseio de máquinas.

Porém, este passa a centrar um teor de significação baseada no desenvolvimento de habilidades necessárias para o envolvimento do indivíduo no contexto digital, isto é, passa-se a difundir-se como “práticas sociais de uso da escrita e da leitura que têm sentidos específicos, finalidades específicas (dimensão social) e que demandam o domínio da escrita e da leitura (dimensão individual)” (Rezende, 2016, p. 113).

De acordo com Ribeiro e Freitas (2011), há uma correlação existente entre esse novo pensar da competência do letramento com as mudanças que se seguem. Subtende-se haver uma transformação – tanto conceitual, quanto prática – para a ação educativa do cidadão, relacionada à estruturação de habilidades de leituras e escrita que incorporem: práticas contextualizadas, de fator social e cultural, que manifestem ação crítica e atuante do sujeito letrado. Portanto, são novas habilidades de escrita e leitura que perpassam um pensamento simplista técnico, para um pensamento inovador.

Na visão de Soares (2002) ‘ser letrado’ ou, simplesmente, o ato de letrar demonstra a adequação de “estado ou condição”, portanto, indica o resultado (estado), o qual, é proveniente de uma ação (condição). Diante disso, com Soares (2002), o que fica nítido é que há uma nova qualidade do termo *letramento*, isto é, uma nova habilidade linguística que demanda novas práticas de leitura e escrita.

De um modo geral, Letramento Digital, abarca o sentido de

capacidade de uso dos recursos informacionais e da internet para ler e escrever em situações diversas no ciberespaço, com uma ampliação do leque de possibilidades de contato com a leitura e escrita também no meio digital. O termo abarca não apenas conhecimentos do código alfabético e regras da língua escrita; ele amplia a interpretação de letramento, incluindo-se as capacidades de manipulação básica de hardwares e softwares e a compreensão dos contextos e finalidades dos textos digitais. (Azevedo *et al*, 2018, p. 618).

O letramento digital, portanto, denota o uso crítico e social de habilidades e competências conquistadas e/ou adquiridas por um sujeito social, as quais, envolvem, assim como reflete Azevedo *et al* (2018, p. 617) “a aquisição das competências de leitura e escrita num processo de ampliação da alfabetização.”, que corresponde a questões envoltas ao ato de ler e escrever como forma de uso social com habilitação de significação para o sujeito.

Ser “letrado” é possuir o aprendizado do “como se faz” e ter a capacidade de utilizar esse saber no contexto social. Essa nova ramificação de letramento surge, mediante ao seguinte fato, exposto por Carvalho e Gabriel (2020, p. 6):

Percebe-se, cada vez mais, um desapego ao registro escrito à mão por parte das crianças e jovens, e mesmo pelos adultos, uma vez que manipulam constantemente equipamentos com uma forma de registro que requer apenas o toque da ponta dos dedos, ao invés do gesto da mão. Assim, a letra cursiva é gradativamente substituída pelo ato de digitar.

De um modo geral, a questão explicitada pelos autores indica uma transformação e evolução nos quesitos de: equipamentos (do lápis para o teclado e do papel para as telas), habilidades e, conseqüentemente, de um novo ambiente de atuação do letramento – pautado no contexto digital.

É interessante observar que, a evolução tecnológica sempre foi a pauta de transformação em variadas questões sociais, inclusive a escrita. Soares (2002) mostra a estreita relação que existe entre esses fatores, porquanto, as tecnologias exaltam a formação e reestruturação de habilidades condizentes a um estado operante, pois, de acordo com a autora, “todas as formas de escrita são espaciais, todas exigem um “lugar” em que a escrita se inscreva/escreva, mas a cada tecnologia corresponde um espaço de escrita diferente” (Soares, 2002, p. 149).

Nesse contexto, a história corresponde ao progresso da aquisição de métodos de escrita pelo ser humano, a qual dispõe de um movimento evolucionista para com a superfície/lugar/espaço de escrita. Pontua-se, portanto, uma linha revolucionária estabelecida desde a elaboração da tabuinha de argila ou de madeira e a superfície polida de uma pedra; seguido do surgimento de rolo de papiro e pergaminho; chegando na sua evolução em superfície branca da página de papel, condizentes como os espaços de escrita estabelecidos nos primórdios da História. Quanto à condição digital, surge, então, uma nova superfície de escrita: a tela do computador. (Soares, 2002).

Essa breve volta histórica, revela a grande transposição que está imersa no Letramento. Pois, levando em consideração as mudanças sociais de escrita e, conseqüentemente, de leitura – como dito anteriormente –, há novas composições no que concerne às práticas e habilidades das mesmas.

Soares (2002) ainda menciona o novo estado social – que se deu mediante ao grande e intenso avanço tecnológico no vigente século –, como uma circunstância de diferentes práticas no quesito de leitura e escrita, visto que, este incorpora um período de intensa oportunidade de contemplar o surgimento de novas habilidades linguísticas, isto é, o que a autora denomina de ‘letramento da cibercultura’. Simplificando, este letramento, condiz com o letramento digital.

Rezende (2016) compartilha um pensamento que caracteriza esse novo momento, pois, para a autora, sendo o período Digital e informacional, não há como haver dissociação desse momento no surgimento de um letramento que abarque a contemporaneidade. Pois, as práticas de leitura e escrita, diante desse quadro, são mediadas por tecnologias digitais; fato que demanda a necessidade de um letramento digital, sendo que as práticas de escrita e leitura no cotidiano dos indivíduos estão mediados pelo uso de tecnologias.

Tais ações, então, caracterizam o sujeito letrado do período contemporâneo. Pois, este passa por um processo de letramento diferente do que existe na forma tradicional – compreendido na escrita formal e sua leitura. Sobre isso, Soares (2002) mostra o uso das telas como novo espaço de escrita e de leitura, o qual, de acordo com a autora, resulta em algo além de uma ampliação de acesso às informações e conhecimentos pelo indivíduo, porém, estabelece novos processos mentais/cognitivos que delimitam diferentes maneiras na forma de escrita e leitura: concluindo, um novo letramento.

Esse cenário é caracterizado pela nova conceituação de “texto”. Pois, com as novas habilidades resultantes da era digital, ver-se que a escrita se modifica de um modo extremo. Azevedo *et al* (2018, p. 615-616), explícita a situação da seguinte forma:

O conceito de texto, antes entendido como uma escrita produzida de forma manuscrita e depois impressa, com o advento das tecnologias informacionais muda sua configuração, altera-se, ganhando outras dimensões e perspectivas, como textos multimodais e multissemióticos, que vão da escrita de palavras à composição de imagem em movimento.

Observa-se, então, que com a expansão de inovações estabelecidas por via das novas atribuições tecnológicas, houve a manifestação de uma transcendência quanto ao espaço físico. Tendo em vista que, tais inovações, no quesito tecnológico, impôs um novo espaço comunicacional e interacional, condizente ao que conhecemos como: mundo virtual e digital. Assim, os autores mostram o reflexo dessas inovações na *forma e habilidades* da escrita, pois, surge uma alteração no conceito de texto e, conseqüentemente, na sua forma de ser construído. Soares (2002, p. 148) esclarece esse fato, ao dizer que o

letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição.

Isto demonstra a rápida ascensão tecnológica para com a questão da comunicação escrita e, conseqüentemente, para as habilidades de leitura. O cenário atual, então, apresenta uma nova realidade que emprega uma modificação quanto a cultura de leitura e escrita do sujeito contemporâneo, assim como, sua visão quanto aos mesmos.

Nesse sentido, faz-se necessário entender, como Favreto *et al* (2022, p. 16) mostram que “a tecnologia dita o modo como a sociedade se organiza, pois regula o comportamento humano e a forma como o homem se relaciona com os outros e com o mundo.”, nesse sentido, as novas atribuições de escrita reafirmam o estabelecimento tecnológico para com a forma de comunicação do ser humano.

Domingos (2016, p. 110) contribui nessa discussão ao afirmar que “desde os tempos das primeiras formas de comunicação representativas, as práticas de leitura têm-se alterado conforme os suportes, os textos e as culturas – que aí dependem do leitor e de seu contexto.” Logo, o que se observa claramente é que, mediante a tecnologia, tanto o ser humano mudou quanto sua forma de praticar a leitura e escrita, pois o papel foi deixado de lado para dar lugar às telas e a caneta foi deixada para se utilizar as teclas. Isto clarifica a identificação do alunado contemporâneo: um sujeito tecnológico que faz uso de suportes tecnológicos no seu contexto social e de aprendizagem.

Nitidamente, as novas práticas de escrita contemporâneo revelam o surgimento de novas habilidades que buscam posicionar o indivíduo em uma condição – não

apenas de técnico ou operador das tecnologias –, mas, sim de um ser que saiba ingressar nesse ambiente digital, selecionar/avaliar/ler informações e conteúdos que ali vigoram.

Para Favreto *et al* (2022, p. 18), o letramento “é mais do que saber ler e interpretar um texto em uma plataforma digital, é compreender as ferramentas digitais como parte do próprio processo de formação da subjetividade e, por conseguinte, da cidadania”, perpassa o entendimento de uma condição de decodificação de símbolos ou modos operantes no manuseio das tecnologias, mas, centra-se no saber que manifeste um ciclo pautado em: escrita por base de uma leitura reflexiva, que gere crítica e análise, resultando na adequação destes, para com, saberes significativos e que agreguem a formação cidadã e social do indivíduo.

Visto que, ainda segundo o autor, não é possível “pensar um processo de ensino desvinculado da realidade a que ele está inserido, assim, a sociedade digital demanda, em conjunto, uma nova forma de letramento, o letramento digital.” (Favreto, 2022, p. 17). Portanto, a condição atual, dispõe na educação o ingresso dessa nova concepção na nova atualidade que se vê.

Todavia, segundo Carvalho e Gabriel (2020), o que se tem percebido no atual contexto é que os professores, em sua maioria, têm-se qualificado como imigrantes digitais, enquanto que, os alunos, estão qualificados como nativos digitais, fato que revela uma dicotomização relativa ao olhar do professor e aluno referente à forma de se entender e perceber o mundo. Isto, então, disponibiliza o vislumbrar do cenário contemporâneo: a inadequação do letramento digital, na atuação educacional. Pois, o professor, diante de sua posição de imigrante digital, tende, então, a ter dificuldades de lidar com situações digitais que são comuns aos alunos.

Essa situação exemplifica e qualifica a atuação do professor em relação à este contexto tecnológico, os quais são continuamente desafiados a ensinar “nativos digitais” por via de métodos didáticos fundidos ao uso de aparelhos tecnológicos – como o computador e celular, por exemplo –, entretanto, estes, por vezes, são tidos na sua superficialidade, como simplesmente aparelhos, ao invés de ‘instrumentos pedagógicos’, aparelhos fundidos à uma ‘intencionalidade pedagógica’, que resultem, ou intentem resultar, em aprendizagem significativa.

Vejamos a seguir uma discussão sobre a questão que situa as concepções de *Nativos Digitais* e de *Imigrantes Digitais*.

2.2 Os sujeitos do processo educativo na era digital

A relevância no contexto das novas formas de escrita e leitura instauradas pela ascensão tecnológica, encontra-se nas novas habilidades que passam a ser exigidas do estudante desse período. Diante destas habilidades, surge uma dicotomização relativa aos professores e alunos: estes, respectivamente, são comumente instaurados como 'Imigrantes Digitais' e 'Nativos Digitais'.

Essa ambientação tem início na Era vigente, concebida como a Era Digital, pois, observa-se que a transformação que se deu não se limitou somente na delimitação da Era, ou simplesmente na nova condição tecnológica provinda deste; porém, o teor de mudança, também se centrou na população, mais especificamente, com a denominação da geração tecnológica, os ditos "nativos digitais".

No interior das discussões de Pischetola e Heinsfeld (2018, p. 3), as autoras mostram que tal atribuição nominal surge a partir do ano de 2001 onde "[...] popularizou-se o termo “nativos digitais”, criado por Prensky (2001) para definir os jovens da contemporaneidade, uma geração muito hábil no uso das mídias digitais e no acesso aos recursos on-line."

Diante disso, as autoras fazem-nos entender que os Nativos Digitais correspondem àqueles sujeitos que possuem saberes quanto ao uso das funcionalidades digitais, como: mídias, *apps*, ambientes virtuais e dentre outros. Entretanto, a indagação centra-se nas habilidades que eles possuem, isto é: são habilidades técnicas ou determinantes de letramento? Pois, há uma grande diferença em ser “letrado digitalmente” e ser “alfabetizado digitalmente”.

Por isso que, Ribeiro e Freitas (2011, p. 72) lançam a crítica de que “não basta apenas equipar as escolas com computadores e possibilitar o acesso à internet, mas é necessário um trabalho conjunto e reflexivo sobre as práticas de letramento digital.” Assim, a qualificação técnica do alunado não é suficiente para um desenvolvimento educacional pautada numa formação crítica e reflexiva, estabelecido pelo Letramento.

Azevedo *et al* (2018, p. 618), revelam que:

O leitor/escritor proficiente tornou-se aquele que possui competência básica de manipulação dos artefatos tecnológicos digitais, que já se apropriou da competência de leitura e escrita de textos impressos e aquele que consegue, a partir do uso das TDIC, movimentar-se e atuar no meio digital em que está inserido.

Sendo assim, o que se entende dos sujeitos tecnológicos denominados *Nativos Digitais*, é que são correspondentes à qualificação de indivíduos que possuem habilidades de manuseio tecnológico, assim como habilidades de se integrarem nos novos modos digitais de forma autônoma, crítica, reflexiva e com significação socioeducativa.

Contudo, Pischetola e Heinsfeld (2018) apontam, por base de estudos recentes, a realidade do contexto escolar em relação a integração de TDIC. De acordo com esses estudos, muitas escolas estão adeptas ao tradicionalismo educacional, onde a inovação tecnológica não encontra espaço. Por esse motivo, as tecnologias, como apoio metodológico pedagógico, encontram-se escassas e, até mesmo, nulas, em muitas instituições escolares.

Esse contexto favorece um embate entre duas ramificações de sujeitos. Nas palavras de Favreto *et al* (2022, p. 18), este conflito condiz com um “[...] choque de gerações, entre nativos e imigrantes digitais [...]”. Pois, os Nativos Digitais, sendo a geração tecnológica – jovens, adolescentes e crianças, hábeis às tecnologias –, incorporam o alunado contemporâneo; enquanto que, os Imigrantes Digitais, se caracterizam por aqueles que, diferentemente das atribuições e adjetivos dos Nativos Digitais, não possuem habilidades digitais ou, muito menos, o desenvolvimento de um letramento digital.

Dentro dessa perspectiva, vemos que, sendo o alunado identificado como Nativos Digitais, a classificação dos Imigrantes Digitais, centram-se no sujeito docente. Esse embate descrito por Favreto *et al* (2022) é um resultante da exposição antes descrita por Pischetola e Heinsfeld (2018), as quais, mostram uma postura tradicional dos professores e da escola, diante de um cenário educacional voltado à alunos que estão imersos a grandes informações digitais.

A atual condição tecnológica necessita de uma atuação docente que movimenta uma ação de mediação de saberes, isto é, que contribua com a construção de conhecimentos significativos pelo aluno. Por este motivo, os ensinamentos necessitam adquirir uma dimensão de uso social, não permanecendo somente no espaço escolar (Ribeiro; Freitas, 2011). À vista disso, a postura do docente, perante este fator tecnológico ambiciona um profissional que se adeque e, desprenda-se, de um conceito metodológico de ensino puramente técnico e tradicionalista.

Há uma preocupação evidente na prática docente quanto à preparação educacional de alunos que adquiram habilidades e competências de letramento dentro de um contexto tecnológico. Frente a isto, pontuamos o que Favreto *et al* (2022) lembram em seus escritos, isto é, a extrema carência atual quanto a um processo de ensino que venha estar conectado à realidade que se implementou mediante ao ingresso da Era Digital.

Soares (2002), então, demonstra a relevância da pesquisa no cenário tecnológico, visto que, a Era Digital propôs a exposição de

textos que escapam à avaliação e ao controle de qualidade: qualquer um pode colocar na rede, e para o mundo inteiro, o que quiser; por exemplo, um artigo científico pode ser posto na rede sem o controle dos conselhos editoriais [...] e ficar disponível para qualquer um ler e decidir individualmente sobre sua qualidade ou não. (Soares, 2002, p. 155).

Esse cenário é reflexo da grande tendência da internet em expor dados, informações e conhecimentos de forma abrangente e incontrolável. Determinando, então, uma grande exposição de conteúdos que são comumente acessados em rede pelos Nativos Digitais. O que é necessário pontuar aqui é a posição da escola nesse contexto, pois, como foi mencionado, o professor necessita se posicionar como *mediador* entre os alunos e a grande exposição de conhecimentos determinados pela propagação da internet.

Entrementes, os nativos digitais, de acordo com as autoras Pischetola e Heinsfeld (2018), incorporando uma população diferenciada da que prevaleceu no decurso da época anterior à Era agora atuante, manifestam nessa "antiga população", um sentimento de estranheza e até mesmo admiração concernente às suas habilidades técnicas no manuseio quanto às práticas no contexto digital. Assim, muitos professores – imigrantes digitais –, encontram-se nesse conjunto de cidadãos que manifestam admiração, pois, muitos destes, não possuem tais conhecimentos ou habilidades. Quanto a isso, as autoras trazem a justificativa que

pais e professores, pertencentes a um mundo em que o papel era o suporte de leitura e escrita mais utilizado, mostram sua admiração pelas conquistas dos jovens em termos de softwares instalados e aprendidos, jogos on-line, práticas de compartilhamento e de produção impensáveis há alguns anos, e em constante evolução. (Pischetola; Heinsfeld, 2018, p 3).

É nítido que a diferença não está apenas no conhecimento ou habilidades que cada um desses grupos populacionais possuem, mas, principalmente, na base de

aplicação destes; isto é, a evolução dos aparelhos de escrita – o papel (antes imperializado do processos de escrita e leitura), abre espaço para as telas midiáticas que na atualidade, fazem vez do papel. Um ponto importante, nesse cenário, encontra-se na formulação que está à imperar no pensamento de muitos pais e professores, sendo o seguinte: "[...] “imigrantes digitais”, sentem-se defasadas e incapazes de competir com as práticas culturais que as tecnologias providenciam para os jovens." (Pischetola; Heinsfeld, 2018, p 3).

Portanto, pensam que, por ser o "nativo digital" um cidadão tecnológico, estes "não precisam ser ensinados", pois, há uma crença de que, estes "já sabem tudo". Mas, será que isto é uma verdade a ser considerada? Possuir conhecimentos técnicos e habilidades midiáticas, contabiliza o real sentido de "saber tudo"? O que responde a esse questionamento, está na fala das próprias autoras quando afirmam que a “habilidade técnica não é sinônimo de letramento digital.” (Pischetola; Heinsfeld, 2018, p.8). Este embate pode ser repensado ou mesmo superado nas práticas efetivadas em sala de aula e suas implicações, que dialogaremos agora.

3 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SEUS USOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

A partir das constantes mudanças centradas no entorno da vida social e das manifestações comportamentalistas dos cidadãos contemporâneos, nota-se uma preocupação de uma estrutura educacional/curricular marcada pela preparação de um sujeito que venha a ter a consolidação de um aprendizado, o qual, incorpora-se a um período educacional mediado por experiências e contextualização do ensino, tendo em vista, um aprendizado real e significativo. Com isso, contempla-se, também, a imediata transposição do acesso educacional quanto as novas habilidades digitais emergentes no contexto contemporâneo.

Mediante a clara elevação da ambientalização dos indivíduos no campo digital/tecnológico, surge uma certa prevalência quanto à carência de habilidades necessárias a estes, para com sua transposição e socialização em tais espaços virtuais. Por isso, faz-se, então, crucial, ao estudante contemporâneo tanto o aprendizado e conhecimentos técnicos, quanto o desenvolvimento de um letramento

digital pautado a estes, tendo, em seu entorno, a desvinculação de uma proposta simplesmente mecânica na apropriação de tecnologias digitais.

Assumindo, nesse estudo, a qualificação dos anos finais do ensino fundamental como base de investigação, podemos caracterizar o estudante desta fase educacional, como um sujeito que se insere na condição de ruptura da fase infantil para a fase da adolescência; um sujeito carente de desenvolvimento autônomo e crítico relativo à sua inserção na sociedade e a ambientes diversificados que se ingressará, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016). Por base nisso, têm-se, relativo ao grupo de cidadãos na condição de adolescentes, a perceptível e evidente manifestação de mudanças que se concentram na formação dos ditos sujeitos.

Tratando-se, pois, de mudanças que se dão inevitavelmente no decurso de transição da infância para o período da adolescência; visto que, este, condiz com transformações que marcam a ‘despedida’ de uma fase e ‘chegada’ de outra, onde, surge a manifestação de mudanças quanto aos sentimentos, atitudes, relações e dentre outros aspectos. Dentro dessa perspectiva, então, compreendemos que surgem modificações que transcendem a superfície corporal e física do indivíduo, mas, engloba, além de questões biológicas, áreas psicológicas, de vias emocionais e, também, sociais.

Por este motivo, é interessante mencionar que na BNCC os jovens dessa geração são dados como “protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil” (BRASIL, 2016, p 61). Perante esse contexto, a posição do estudante, na condição de sujeito tecnológico, condiz com uma função de **protagonista**, isto é, sujeitos que, por obterem habilidades técnicas relativas ao uso computacional e midiático, têm-se situados como indivíduos que já possuem conhecimentos por serem hábeis em atividades de pesquisa e ambientação virtual.

Assim, vemos que existe uma óbvia preocupação quanto a educação desses indivíduos, levando em consideração, tanto as mudanças ocasionadas por esta fase de vida, quanto pelas mudanças sociais de interação, imputadas pela evolução tecnológica e, também, pela impressão de “serem possuintes de conhecimentos” pelo simples fato de serem conhecedores das técnicas digitais. Todavia, essa cultura

“induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar” (Brasil, 2016, p 61).

Por conseguinte, as vias de aprendizagem, como se ver na BNCC, necessita ultrapassar a questão técnica do saber, para com uma questão crítica e analítica de informações que gerarão um aprendizado real. Diante disso, o quadro educacional, o qual, é exposto à esta atual geração tecnológica – os ditos nativos digitais –, denota uma grande necessidade no que concerne ao engessamento de habilidades de leitura e escrita crítica, sendo esta, necessariamente, envolta à uma estruturação de letramento; estes, visando a garantia de um saber além da superficialidade.

Sinalizando isto, podemos observar, no contexto do documento da UNESCO (2016, p 26), a seguinte reflexão acerca das inovações que se fizeram/fazem presentes por ocorrência das mudanças impulsionadas pela Era Digital: “Como os ambientes sociais, de vida e trabalho dos cidadãos estão em constante mudança, existe a necessidade de cultivar novas competências e buscar novas abordagens de alfabetização.” Assim, o pensar pedagógico para com as novas práticas de alfabetização, refletem, diretamente, em uma emergente qualificação do ler e escrever de maneira real, não focalizando apenas sua função técnica.

Essa condição de um “olhar atento” à estas habilidades, tem suas nuances de origem a partir da expansão mundial da internet, a qual, deu-se na “véspera de transição dos séculos XX para o século XXI”. Pois, como diz Machado e Ramos (2019), o período concernente a última década do século passado correspondeu à expansão da internet pelo mundo. Este fato, orienta-nos, então, a compreender o século XXI como o período da Era Digital, visto que, com tal fenômeno tecnológico (provindo dessa expansão de rede de acesso e informações), o que se pode discernir ao longo dos anos são, exatamente, inovações e mudanças cada vez mais crescentes e perceptíveis na sociedade.

Essa verdade, ocasionou, no seio social e interacional dos cidadãos, a presença da informação sendo “acessada de qualquer lugar [...] criada por qualquer pessoa (como o conteúdo gerado pelo usuário) e compartilhada a qualquer momento com bilhões de pessoas do mundo inteiro” (Unesco, 2016, p.27). Contemplamos, então, a tão grande carência do profissional docente em ser “letrado digital”, pois, este,

necessita deste aparato de saber para, por meio deste, mediar o ensino dessa geração de discentes, por via de instrumentos tecnológicos.

3.1 Escrita e leitura digital

O contexto que se observa vem demonstrando uma real alteração quanto a habilidades de escrita e leitura; estas, tendo sua formação primária transformadas por via das telas e dinamicidades favorecidas pelos ambientes virtuais, ocasionam-se em umas certas mudanças relativas às técnicas e, conseqüentemente, às formas de se *fazer, ver e ler* um texto.

Nesse sentido, cabe aqui a importante menção quanto as novas formas de literatura que permeiam esse contexto midiático, as quais, denominaremos como 'Literatura Digital' — que, condiz como a escrita comum nas redes sociais e navegadores de busca na internet, por exemplo.

Desse modo, assim como a Literatura possui variadas formas de se fazer um texto, esses meios digitais também manifestam uma diversidade de gêneros textuais e, também, de linguagem, os quais, são comumente utilizados pelos alunos contemporâneos dessa geração tecnológica. Diante disso, porquanto, os blogs e redes sociais, por exemplo, condizem como espaços de escrita e, conseqüentemente, de leitura nesse cenário digital.

Assim, surge uma nova era da educação, a qual, exige da escola a integração quanto ao uso desses espaços virtuais no desenvolvimento de uma cultura de leitura e escrita, sendo necessário, estar baseada na criticidade e na reflexão pelos alunos, simplificando, direcionando um trabalho pautado no letramento digital. A BNCC (Brasil, 2016, p. 68) reforça essa necessidade ao afirmar que “ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na *Web*”.

Com o advento de suportes tecnológicos que condizem como facilitadores informacionais, os alunos tendem a invalidar a coesão e coerência, certo e errado, falso ou verdadeiro..., na construção literária, na busca por informações e na leitura da diversidade de fontes. O que se sabe, perante este fator, é que a cultura digital traz desafios ao docente, visto que, diante das facilidades tecnológicas, o sujeito tende a

se amortecer perante a necessidade de pensar, pois, a internet entrega tudo simplificado. Entretanto, a ação pedagógica deve quebrar esse entendimento de “o *google* responde...” concebendo no aluno uma postura de leitor crítico, pensativo, dinâmico e interativo, quanto ao uso de diferentes recursos tecnológicos, como os espaços virtuais.

Carvalho e Gabriel (2020), relatam algo de importante menção nesta discussão, ou seja, a condição dos corretores integrados ao teclado. Os autores, mostram que este recurso facilita a escrita ao “adivinhar” o que o escritor irá escrever, dando o complemento da palavra ou até mesmo a frase à ser escrita, além de atribuir uma correção ortográfica ao mesmo. No entanto, este facilitador priva o escritor de se autocorriger e o molda a ser sempre dependente dessa tecnologia na construção textual, impossibilitando-o a ser um escritor independente da ajuda do corretor.

Em suma, essa realidade é carente de uma formação de alunos que venham desenvolver um hábito de escrita e de leitura crítica. Busca-se, então, a formação de hiperleitores, ou seja, “[...] o leitor da cultura digital, que se habilita a ler o mundo a partir de sua leitura em telas, transferindo sua tecnologia de leitura para a realidade” (Domingos, 2016, p. 119).

Diante disso, a Base assume que,

ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2016, p. 67-68).

Isso significa que a proposta Curricular Nacional, através do estudo da Língua Portuguesa, dispõe aos sujeitos a garantia de acesso à um saber que incorpore *experiência, participação, criação, criticidade e significação*. Tais mediações, sugerem a apropriação de algo que transcende o mero ato de escrita, mas, evolui para a conjunção desta, com uma leitura permeada de letramentos.

Esta preocupação torna-se evidente quando observamos a qualificação do cidadão diante das duas ambientações sociais que aqui estamos abordando, isto é, o ambiente Social Físico e o Midiático. Ao estabelecermos uma breve reflexão a respeito de ambos, o que se observa é que apresentam interação (diferentes, no que se refere a aspectos ambientais, ocasionais e dentre outros) e revelam habilidades (diferentes, quanto a sua forma de ação e construção conteúdos).

Assim, o cidadão, em cada um desses ambientes tem uma identidade própria. Tomando por base os autores Machado e Ramos (2019), podemos ver que, no interior da sociedade, por assim dizer, o indivíduo alfabetizado é identificado como leitor ou homem leitor. Em contrapartida, no interior das redes midiáticas, o indivíduo que é internauta do meio, é estabelecido como *usuário*. Diante deste fato, observa-se, claramente, a grande diferenciação que há entre as questões envolvidas ao ler e escrever nesses ambientes.

3.2 O uso de tecnologia digital no processo educativo

No decorrer dos últimos anos, a condição de escrita e de leitura dos estudantes contemporâneos, tem sido fortemente fundida ao uso constante de redes digitais. Com base dos escritos de Vaghetti *et al* (2019), estes, possibilita-nos entender que, o período atual, compõe uma era, na qual, constitui ao campo da linguagem uma nova funcionalidade de comunicação, ou seja, uma condição comunicacional digital: uma linguagem digital.

De acordo com os autores, então, essa função comunicacional, diferentemente das ações prevaletentes ao longo das Eras anteriores, centrara-se no operar de uma linguagem estabelecida em um campo totalmente novo, mediante o âmbito das novas tecnologias digitais, o qual, torna conseqüente, a exigência de novas habilidades, ações e possibilidades de uso do indivíduo para exercê-la.

Diante desse quadro, observa-se que, sendo este um período de grandes mudanças comunicacionais, sociais e tecnológicas, a ação voltada ao ato de escrita e leitura, denota a evolução de novas habilidades que são exigidas e necessárias ao estudante deste século, as quais, compreendem: em funções que desencadeiam formação integral do sujeito em favorecimento de uma certa segurança quanto ao uso de métodos digitais e atribuição de uma base de letramento digital.

Porquanto, "são múltiplos e diversificado os textos e enunciados que utilizamos no dia-a-dia, apontando para novos letramentos de caráter multimodal ou multisemiótico" (Elicker, 2019, p. 31). Assim, é nítido uma relação de escrita e leitura mediada por diversas modalidades de interfaces comunicacionais, do mesmo modo que, há a exposição de variados elementos textuais sendo propagadas de modo midiático.

Essa condição, então, aclama aquilo que já se discutiu ao longo dos textos anteriores, a urgente necessidade de utilização da internet e de outras ferramentas tecnológicas pautadas na construção para o estudante/usuário, de “habilidades e raciocínios característicos” (Vagheti *et al*, 2019, p. 7), as quais, tenham sentido e significância de uso para este meio sociodigital.

Perante essa realidade, é imprescindível o reconhecimento de recursos/ferramentas digitais como apoio ao processo educacional do aluno, tendo em vista que “as TDIC precisam ser vistas como ferramentas que possibilitam a construção e difusão do conhecimento, devendo a escola se utilizar dos avanços tecnológicos de forma a contribuir para melhor eficiência do processo educacional [...]” (Vagheti *et al*, 2019, p. 5). Portanto, a cooperação entre escola, professor, aluno e tecnologia, pautadas em ações voltadas a ações de desenvolvimento de aprendizados reais – sendo mediados por interação, experimentação e significação – possibilita a resolução de um acréscimo educacional necessário ao educando do século presente, pois,

ao considerar a adoção da tecnologia digital, os sistemas educacionais devem sempre garantir que os melhores interesses dos estudantes sejam postos no centro de uma estrutura baseada em direitos. O foco deve estar nos resultados da aprendizagem, não nos insumos digitais. Para ajudar a aprimorar a aprendizagem, a tecnologia digital não deve substituir, e sim complementar a interação presencial com os professores. (UNESCO, 2023, p. 24).

A tecnologia, portanto, utilizada, desprovida de intencionalidade pedagógica e sentido ao que está sendo estudada pelo estudante, não possibilita ação de aprendizagem. Por isso, há uma preocupação quanto à formação docente no quesito tecnológico, pois, o professor dispõe de habilidades necessárias ao ensino, mas, sem a adequação às habilidades digitais, este profissional não terá êxito na disposição de didáticas com via à mediação. Diante disso, mais uma vez, vemos a extrema urgência do letramento digital.

Essa discussão denota, ainda, uma compreensão adequada em relação aos usos de instrumentos tecnológicos no processo educativo do estudante, isto é, o entendimento de que um *instrumento* somente passa a dispor da adjetivação de pedagógico quando, sobre ele, põe-se objetivos e metodologias de aprendizagem: agrega-se função pedagógica. Em suma, a ação docente deve ser pensada e refletida

para um relevante resultado no aluno, pois, a tecnologia não ocupa o lugar do profissional docente, no entanto, pode promover apoio educacional quando bem utilizado.

No interior desta discussão, então, tomando por base as habilidades quanto ao estudo da Língua Portuguesa em favorecimento do desenvolvimento de um letramento digital no sujeito de aprendizagem, no contexto presente, torna-se relevante apontar, de modo sintético, um breve panorama quanto as tecnologias digitais utilizadas no processo de letramento digital.

Em relação a este mapeamento, pautemo-nos nos dados estabelecidos nos documentos do *Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação* (Cetic), no qual, ele demonstra, por via de pesquisas, durante o ano de 2021, a condição dos *Recursos educacionais digitais e adoção de plataformas, redes e aplicações digitais*, na organização do professor referente a suas ações pedagógicas com seu alunado. Vemos que há uma prevalência quanto ao uso de *Softwares, Plataformas, Aplicativos e Redes Sociais*, sendo estes, aqui exemplificados pelos *apps* de apoio educacional, os quais são de fácil acesso via aparelho celular e computador; plataformas de interação pedagógica, como o *Google Classroom*; e, espaços sociais virtuais, como o *WhatsApp*.

Em relação a pesquisa concernente ao ano de 2022, a Cetic mostra que, em meio às dificuldades de inclusão tecnológica do estudante brasileiro do Ensino Fundamental e Médio, o acesso à Internet compreende o maior divisor de ingresso digital. Porquanto, no documento é exposto que

a disseminação do acesso à Internet entre os espaços escolares é outro aspecto crítico para as políticas educacionais de expansão da conectividade nas escolas, especialmente no que concerne à disponibilidade de acesso à rede para os alunos em atividades educacionais. (CETIC, 2022, p. 72).

Nesse sentido, a possibilidade de fusão metodológica de tecnologias digitais às dinâmicas educacionais escolares, têm, nesse pequeno fator, uma certa dificuldade de êxito. Tal questão, então, qualifica o estado de múltiplas escolas do país, as quais, embora disponibilizem acesso à Internet, esta, por vezes, não condiz com uma estrutura que oferte, a todos os alunos, uma agilidade de acesso ideal, assim como, disposição de internet em todos os espaços da escola; sendo necessário expor, ainda, a condição de proibição que existe em muitas escolas quanto ao uso desse recurso pelos alunos em sala de aula.

Nesse contexto, então, vemos que há uma extrema necessidade de o profissional docente rever suas estratégias educacionais, operando em uma ação conjunta às tecnologias digitais existentes, visto que, por meio

dos variados canais por onde se acessa, se troca e se discute informações para além dos muros da escola, ocorre uma mudança paradigmática da educação, que deixou de ser concebida como centrada no ensino e passou a ser baseada na colaboração e construção coletiva, instigada pelo desenvolvimento tecnológico. (Vaghetti *et al*, 2019, p. 5-6).

Assim, desenrola-se a nova condição de aprendizagem do alunado do século presente, sendo desprovida da dependência total do espaço escolar e conectada aos inumeráveis espaços/recursos/oportunidades e linguagens digitais, os quais, resultam no saber. Deste modo, fica claro que, a inovação da leitura e escrita se firmou em habilidades digitais, as quais, direcionam os cidadãos dessa Era às aprendizagens mediadas por novos meios tecnológicos e colaboração coletiva nesses ambientes.

É importante retornar à discussão referente ao panorama quanto as tecnologias digitais utilizadas no processo de letramento digital, dito em parágrafos anteriores. De acordo com o Cetic (2022), no interior do Ensino Fundamental e Médio, podemos coletar as seguintes informações resenhadas do documento:

Quadro 1: Tecnologias digitais mais utilizadas na escola, segundo o Cetic (2022)

Aparelhos tecnológicos mais utilizados por alunos e professores na escola	<ul style="list-style-type: none"> • Aparelho Celular (Professores e alunos, no benefício de atividades) • Projetor multimídia (Professor) • Computador Portátil (Professor)
Atividades realizadas com o uso de tecnologias digitais direcionadas pela escola	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas na Internet • Atividades em grupo por meio da Internet • Atividades de interação com os professores • Por meio da Internet: o aluno faz envio de atividades, realiza atividades direcionadas pelos professores, buscam materiais para <i>download</i> como acréscimo em atividades e trabalhos, tiram dúvidas e se comunicam com os professores.
Atividades realizadas com o uso de tecnologias digitais	<ul style="list-style-type: none"> • Videoaulas na Internet como auxílio educacional • Pesquisas na Internet por curiosidade do aluno

	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas e aprendizado de novos saberes, como idiomas, música, esporte..., assim como cursos <i>online</i>
--	--

Fonte: Elaboração própria.

Assim, de acordo com este aparato de dados, os quais, no interior do Cetic, apontam como uma forma de maior evidência entre os alunos do Ensino Fundamental Maior e do Ensino Médio, percebe-se o grande uso da Internet e de aparelhos tecnológicos na funcionalidade do aprender.

Entrementes, existe a prevalência do *Celular* como aparelho de uso majoritário entre os alunos, visto que, este é um aparelho de maior acessibilidade entre os cidadãos. Este fato é ainda explicado por Vaghetti *et al* (2019, p. 2), ao afirmar que “o celular tornou-se meio de comunicação coletivo, uma tecnologia social e os internautas tornaram-se móveis, participando estes em sala de aula de uma realidade virtual e concreta, ou seja, transformando a sala de aula em um espaço híbrido.”, portanto, este aparelho possibilita a manifestação da duplicidade da realidade, transcendendo o ensino tradicional a uma condição de garantia de alcance de novos espaços de aprendizagem.

É cabível mencionar, ainda, a condição de aprendizagem coletiva que se encontra por meio dos ambientes de aprendizagem virtuais, sendo, tanto horizontal entre aluno e professor, quanto, entre aluno e aluno: coletividade e dialogicidade. Porém, a mediação pedagógica do professor, torna-se crucial para a garantia de uma aprendizagem significativa por parte do aluno.

Finalizando esse breve panorama, ver-se, ainda nas pesquisas do Cetic (2022), o uso constante de algumas ações digitais direcionadas pela escola ao aluno, como pesquisas, atividades, trabalhos em grupo e busca de materiais..., é interessante ressaltar a presença da coletividade e solucionamento de problemas que a escola induz ao aluno através dessas atividades, porém, fica inexistente propostas de atividades que explorem a criatividade, construção ou relação crítica do aluno concernente a escrita e leitura.

Enfim, fica nítido que o próprio aluno faz da Internet um espaço de saber, quando ele mesmo, instigado pelo ‘quero saber mais disso...’ ou ‘como faz aquilo...’, busca ajuda nas páginas dos navegadores *online*, videoaulas, cursos, jogos e dentre outras possibilidades. Entretanto, sem a devida orientação pedagógica, e, ainda,

desprovidos do letramento digital e habilidades necessárias ao acesso seguro e significativo das redes digitais, o aprendizado garantido, será significativo e crítico? A condição de facilidade, provinda da Era Digital, manifesta, também, uma preocupação quanto à formação significativa do estudante contemporâneo.

4 NO TRABALHO DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL, AS TDIC E O LETRAMENTO DIGITAL

Para obtenção de respostas surgidas a partir das indagações que iniciaram este estudo fez-se necessário uma pesquisa de campo, a qual, pautou-se em um enfoque de pesquisa qualitativa que de acordo com Brito *et al* (2021, p. 4), “permite a compreensão de múltiplos aspectos da realidade, viabilizando a avaliação e assimilação da dinâmica interna de processos e atividades.”.

Considerando a questão a ser esclarecida, o seguimento metodológico da pesquisa de campo contou com sete professores de ensino fundamental de escolas distintas da rede pública de ensino da cidade de João Lisboa. Estes sujeitos foram convidados a participar da pesquisa, concedendo uma entrevista individual. Vale destacar que os critérios para escolha desses professores foram: que ministrasse o Componente Curricular de Língua Portuguesa e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Desse modo, a geração dos dados se deu por meio de entrevistas, as quais possibilitaram a percepção das questões levantadas para enriquecimento dessa pesquisa, dadas por meio de perguntas abertas e pré-estabelecidas concernente às questões principais desse estudo.

Relativo aos sujeitos da pesquisa, deu-se um nome fictício a cada participante, sendo: Aline, Isla, Paulo, Brenda, Fábio, Hanna e Giulia. Todos, são profissionais da Educação com formação em nível superior, alguns, como Brenda, Paulo e Fábio têm formação em Letras; ademais, possuem longa experiência na área da Educação. Todos foram solícitos em contribuir com a pesquisa. Vejamos os dados obtidos e suas respectivas análises.

4.1 Alunos em estado de atenção *offline* nas aulas presenciais e *online* nas redes sociais

Frente a necessidade de se entender, primeiramente, a percepção dos docentes para com o alunado contemporâneo, buscou-se dados baseados no perfil de alunos que compõem a sala de aula atualmente. Os dados mostram que os entrevistados apresentam semelhanças em suas afirmações.

É possível perceber uma clara visão da percepção dos entrevistados para com o perfil do sujeito (aluno) contemporâneo. Nisto, observamos que há proximidade de entendimento pelos entrevistados, ao afirmarem que o aluno contemporâneo de suas salas de aula, embora sendo participantes dessa Era tecnológica, estes apresentam necessidades de construtos relativos à criticidade, racionalização e desenvolvimento de consciência educativa em rede; isto quer dizer que, mesmo sendo ingressos e participantes de um cenário midiático e tecnológico, os alunos não demonstram grandes habilidades que são necessárias no sentido de um uso mais eficiente dos recursos, sobretudo a falta de criticidade, que os tornam meros participantes passivos, sem reforços de transformação.

Os alunos, de acordo com a entrevistada Aline, “são muito amantes da tecnologia, mas eles não a utilizam para o pedagógico; para a aquisição de conhecimentos; para o lado positivo da tecnologia”. É possível compreender que, embora os alunos tenham outros interesses quanto ao uso das tecnologias digitais – talvez não com intencionalidade de aquisição de saberes, mas com via ao entretenimento -, os mesmos, para a navegação em rede e socialização *online*, manifestam conhecimentos de integração. Este fato torna-se implícito na fala da entrevistada, pois ela afirma que os alunos são “amantes das tecnologias” e as utilizam, no entanto, não como ferramenta de estudos; porém, além do “estudar” as tecnologias digitais e suas funcionalidades midiáticas possibilitam a interatividade e entretenimento.

A entrevistada Hanna, afirma: “eu contemplo alunos despreparados, alunos acomodados, que não têm mais interesse em estudar e vão direto na resposta pronta.” A partir dessa afirmação, vemos que há uma grande necessidade de refletirmos a respeito de como e o que podemos fazer, como profissionais da educação e mediadores educacionais, para que o aluno contemporâneo desenvolva criticidade e ânimo em se posicionar como produtor e não copiadador.

Pelas falas, observamos aqui, em certa medida, a presença da qualificação de sujeitos comentado por Pischetola e Heinsfeld (2018), os Nativos Digitais, os quais, possuem saberes técnicos (alfabetização digital), que os possibilitam serem participantes de ambientes digitais, todavia, fica entendido que, por via dos dados, demonstram carência quanto a habilidades que são oriundas do processo de letramento; neste caso, o digital, que implica um domínio maior e mais aprofundado no uso das tecnologias digitais de informação e comunicação.

Na fala da entrevistada Giulia, esta diz que “Eu percebo que os alunos ficam muito tempo no celular, principalmente durante a aula, muitos adolescentes, a gente sabe que não têm limites para o uso das ferramentas que acessam livremente as redes sociais, são viciados em jogos e eles têm crises de ansiedade nas salas de aula.”, já a entrevistada Isla assume que contempla dois perfis de alunos referentes ao uso tecnológico, sendo, “aquele que usa a tecnologia para o seu bem comum e aquele que usa para atrapalhar a si próprio e o seu conhecimento também.” ela completa dizendo “o aluno que usa o celular para pesquisa e o outro que usa simplesmente nas redes sociais e na digital”

Ao analisar os contextos apresentados por ambas as entrevistadas (Giulia e Isla), então, compreendemos, inicialmente, alguns aspectos referentes ao aluno, sendo estes: sujeitos com grande usabilidade para com o aparelho celular, possuidores de domínio de uso quanto a conteúdos de jogos e redes sociais e de saberes referentes a ações de interação e ingresso nas redes. É necessário, então, que haja uma consciência digital, que lhes dê sentido de uso que perpassa o entretenimento; como afirma a entrevistada Aline “falta pensamento crítico para o uso dessas tecnologias, senso crítico.” A prática pedagógica pode contribuir nessa construção quando contextualiza o entretenimento à realidade social, intencionando o desenvolvimento de práticas de letramento, possibilitando o senso de conhecimento real e dialógico que resulte em consciência crítica.

Vemos em outro momento, que a entrevistada Aline diz que “eles sabem mais do que nós, mexendo nos aplicativos e tudo, só que eles estão usando de forma errada.”, entretanto, o entrevistado Fábio assume que “a gente percebe que eles não têm uma habilidade com o uso do celular ou das tecnologias para que possa desenvolver atividades.”, ou seja, embora sendo sujeitos com saberes tecnológicos, é possível notar as fragilidades quanto as habilidades centradas na atuação de

atividades diferentes de redes sociais e afins. Observa-se, então, o comentário de Pischetola e Heinsfeld (2018) quando destacaram que ter-se habilidades técnicas não é o mesmo que ser letrado digitalmente, o que torna necessária uma reavaliação daquilo que se diz sobre jovens mais preparados por serem Nativos Digitais.

Portanto, a partir dos perfis encontrados, percebe-se que, relativo ao impulso de construtos de saberes direcionados pela curiosidade e pela sua busca, têm nesse contexto uma condição de quase inexistência, pautando-nos nas falas de alguns entrevistados quando afirmam “eles não querem mais ter o esforço de pesquisar. Já vão pegar a resposta pronta. (Entrevistada Hanna)” e “eles não têm o desejo de utilizar o celular para uma forma educativa.”, complementando “não funciona se deixar por eles mesmos, sem a presença do professor, usar o celular na sala de aula, eles não estão muito solícitos a eles mesmos pesquisarem, eles mesmos desenvolverem alguma coisa, não estão.” (Entrevistada Aline).

Vemos, nesse sentido, que vigora uma falta de interesse e inexistência de busca por saberes, fato que denota a estes sujeitos a qualificação de alunos em condição de almejanter de respostas prontas. Encontramos aqui uma perceptível aproximação daquilo que Carvalho e Gabriel (2020) já havia mencionado a respeito dos textos dados pelo teclado e corretores automáticos, os quais, impossibilita o usuário de pensar na escrita e sua correção, assim como afirma a BNCC (2016), quando caracteriza essa geração contemporânea como sujeitos que se baseiam na cultura da superficialidade para com a análise textual e visual, desconsiderando fatores de argumentação e análise crítica.

O entrevistado Fábio demonstra isso ao dizer que “a gente observa que eles simplesmente copiam da internet e coloca lá nas atividades.”, nota-se, diante disso, a existência de uma correlação da pesquisa em sua forma genérica e sem fundamento de análise pelo aluno. Esta tende a centrar-se tão somente na atuação mecânica e técnica de selecionar em *sites* de busca o que se pretende encontrar e o aceite do que é dado como correto, sem o exercício da crítica, leitura e análise real do que fora encontrado.

Por último, é relevante apresentar a fala do entrevistado Paulo, que diz:

o perfil de aluno hoje, é um aluno que busca conhecimento. Muito conhecimento. Até porque a facilidade é grande, né? Só não busca conhecimento através da internet hoje quem não quer aprender. Então, eu acho que é isso. Um aluno bem mais emotivo pra estudar.

Esta fala se difere das demais em alguma nuance. Apenas para este professor, os alunos usam da internet para benefício acadêmico. Considerando o que Pischetola e Heinsfeld (201) afirmam quanto aos Nativos Digitais, mostrando que esses sujeitos devem estabelecer relação com as tecnologias pautada em uma ação que ultrapasse o mero papel de usuário de entretenimento para o sujeito que acessa e explora as diversas possibilidades do digital, mirando no desenvolvimento de saberes educativos e sociais, e nesse sentido, faz-se necessário a mediação da escola, do professor, no sentido de avançar e aprofundar o nível de letramento que estes alunos apresentam.

Assim, de modo geral, podemos compreender ao longo das entrevistas, argumentações que nos aproximam do conceito de Nativos Digitais em seu nível mais elementar, frente às formas de uso desenfreadas pelos adolescentes para com as tecnologias digitais. Simplificando, os alunos, de acordo com os entrevistados, de modo geral, limitam-se ao uso das Redes Sociais e entretenimento *online*, fato que os tornam desconexos na sala de aula com o uso do celular. Entrementes, é importante mencionar que os suportes tecnológicos digitais, como o aparelho celular, condizem como novas ferramentas contemporâneas, fato que é necessário ser compreendido também como uma nova forma de ferramenta pedagógica sem desqualificar o entretenimento e sua função de integração social midiática.

Vejamos alguns destaques dos entrevistados:

Difícilmente uma pessoa utiliza o celular como ferramenta de aula, até porque, quando é liberado, eles não focam na aula com o celular como ferramenta, eles desviam a atenção para as redes sociais ou papel de entretenimento, outra ferramenta de celular. (Entrevistada Giulia).

Em sala de aula, eles deixam de prestar atenção para o que o professor está explicando, para fazer mal uso do celular nas Redes Sociais. (Entrevistada Aline).

Somente o celular é suficiente para atrapalhar tudo o ano todo. (Entrevistada Isla).

O quadro relativo ao uso da internet em sala de aula, apresentado pelos professores, demonstra que há falta de propriedade e entendimento dos alunos dessa ferramenta tecnológica para fins de aprendizagem como se a enxergassem de forma mais efetiva para o entretenimento. Esse contexto determina, então, o cenário das salas de aula, com a presença de alunos *online* nas Redes Sociais e *offline* para a aula no ensino presencial. Este fato descrito pelos sujeitos entrevistados leva-nos a

observar uma medida adotada nas escolas surgida desse contexto, algo já dito em meio às pesquisas do Cetic, a lembrar: a proibição do uso do celular e internet nas escolas.

A escola tem compreendido essa desconexão do aluno com as aulas como empecilho de desenvolvimento educacional, o que resultou na rotulação do uso tecnológico de aparelhos digitais como fator de desconcentração dos adolescentes, não atribuindo possibilidade de os fazer apoio educacional, enquanto ferramenta pedagógica, ou seja, não há espaço de argumentação para fazer deste instrumento um recurso pedagógico, deixando assim de fazer uso de tecnologias digitais no interior das salas de aula dos entrevistados em função da 'ordem' e conexão com os conteúdos da vida real, ou seja, em função do letramento.

4.2 A problematização da presença de novas Linguagens Digitais na escola

Ao observar o contexto presente, distingue-se uma notável presença de transformações no quesito comunicação. Vê-se que, atualmente, a disponibilidade de interação do ser humano tem ultrapassado as barreiras do campo físico, adentrando em ambientes virtuais e midiáticos. Este fato faz surgir novas formas de linguagens e desenvolvimento de habilidades de comunicação. Desse modo, buscamos descobrir a percepção dos sujeitos entrevistados a respeito desse novo contexto e suas proposições nas metodologias adotadas.

Ao questionar se existem novas linguagens geradas pelo ambiente digital, o que se percebeu foram resoluções a respeito da questão, categorizadas pelo seguinte ponto, a saber: o uso de linguagens no digital em oposição a linguagem formal escrita e ações docentes frente às novas linguagens digitais.

Logo, observamos que a pesquisa apresentou um impasse quanto a forma de escrita ortográfica do aluno frente a espontaneidade/facilidade da escrita simplificada e pré-anunciada pelos teclados e/ou o costume de determinar a escrita abreviada como escrita padrão, conjugando a primeira categoria – o uso de linguagens no digital em oposição a linguagem formal escrita. Dito isso, analisemos as falas dos entrevistados Hanna e Fábio:

A gente que não tem muito acesso a essas linguagens quando vamos conversar com quem tem muito costume de usar, a gente nem entende o que eles estão falando. Siglas, por exemplo: FDS (fim de semana),

PV (privado). O povo não quer nem escrever mais um *sim* ou um *não*. Coloca só S ou N. Abrevia tudo. (Entrevistada Hanna).

A gente observa que, não só os jovens, mas, também, até adultos, na hora de digitar, eles desenvolvem novas linguagens. Por exemplo, digitar a palavra incompleta. Isso acaba influenciando no dia a dia na escola. Porque eles acabam se acostumando a escrever de forma errada pelo costume que eles têm na rede social de escrever mensagem faltando palavras, faltando letras e até mesmo palavras linguajadas comuns usadas nas redes sociais. (Entrevistado Fábio).

A partir dessas falas, nitidamente vemos que há uma certa proeminência dos alunos para com a escrita das Redes Sociais como reflexo da escrita social; isto é, existe uma espécie de condução de caracteres da escrita existente nas redes de interação *online* que se estabeleceram como ação dos jovens alunos na produção da escrita e exercício da leitura. Essa realidade condiz com o que Favreto *et al* (2022) defende acerca da condição de contemplar os textos digitais perpassando uma mera visão de imitações para uma visão de compreensão das ferramentas digitais como parte do processo de elaboração de formas internas de pensamento do ser humano. Garantindo a construção e exposição de saberes, por meio de meios digitais.

A entrevistada Giulia, porém, explica que

Hoje os jovens tendem a seguir as influências das redes sociais, então eles querem se espelhar nessas influências, copiam tudo que eles fazem, desde a forma como eles falam, a forma como eles vestem, até o jeito de dançar, o vocabulário deles é todo influenciado por esses famosos das redes sociais, então eles são assim influenciados por eles.

É este um cenário, no qual, vemos como as alterações dadas pelo reflexo das Redes Sociais, se manifestam na forma de socialização do sujeito. Isso deixa explícito que a criatividade e reflexão na produção pelo alunado, mediante ao contexto apresentado, tendem a serem aspectos de pouco uso pelos estudantes, tendo em vista que estes, ao serem influenciados pela cultura da facilidade das redes, passam a *copiar e imitar*, ao invés de serem críticos e transformadores sociais, como esperase do exercício do Letramento. Este fato é evidenciado pela entrevistada Giulia em sua fala exposta anteriormente.

Domingos (2016), menciona a evolução quanto ao suporte de escrita e leitura, o que leva ao saber de que, o papel foi trocado pelas telas e a caneta pelas teclas. Isto clarifica um cenário onde há novos suportes técnicos para a escrita, ao mesmo tempo que, vem acompanhando distorções quanto a regras de cunho gramatical, questão necessária para o uso da linguagem como práticas sociais.

Porém, o entrevistado Paulo observa a capacidade dos alunos em serem produtores por via de habilidades digitais. Isso é relevante, pois em sua fala, Paulo diz que “O próprio professor que tem que, quando for elaborar sua aula, fazer com que essas tecnologias sejam inseridas nos contextos que ele vai trabalhar. Eu acho que isso aí vai muito da criatividade do professor essa condição é possível.” (Entrevistado Paulo). Isso deixa explícito que o papel docente tem fundamental motivação para uma mudança real na forma de produção do aluno, não se pairando apenas pela normalização da linguagem, mas, sendo vinculada a produção comunicativa e construção verbal e não verbal do aluno, ou seja, empregando significação.

Sobre isso, é possível contemplar as práticas metodológicas aplicadas por alguns dos entrevistados, antecipando a outra pergunta sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula em relação às novas linguagens. Vejamos no quadro o que sinalizaram alguns entrevistados.

Quadro 2 – Estratégias de trabalho com Linguagens digitais

Memes	<p>“Eu gosto de trabalhar Memes, gosto de trabalhar para eles criarem o próprio meme, tipo na produção textual, na leitura de imagem, eles criam o próprio meme.” (Entrevistada Isla)</p> <p>“Eu uso, por exemplo, os Memes para correções. Tem muito Meme com erros ortográficos, eu utilizo eles, faço a impressão, mostro no quadro, mostro onde houve o erro, às vezes também a gente faz análise de comentários, há muitos comentários com erros ortográficos, com erros de interpretação, então eu utilizo essa parte ao meu favor, para correção”. (Entrevistada Hanna)</p>
Redes Sociais	<p>“Passamos a fazer as correções de língua portuguesa dentro do WhatsApp. Porque é a linguagem usada no WhatsApp e eles fazem a abreviação de tudo.” (Entrevistada Aline)</p> <p>“O TikTok, às vezes a gente trabalha anúncio/propaganda, em gênero textual. E às vezes eles conseguem fazer com TikTok, ou às vezes eles conseguem fazer pelo Canva, que fica muito bom. Isso se forem estimulados e ensinados a fazer da forma como é feito e quando é cobrado”. (Entrevistada Aline)</p>

Quizz	“Então eu organizo alguns <i>quizzes</i> , eles respondem pelo celular mesmo e os resultados já vão aparecendo na tela, lá no projetor.” (Entrevistado Fábio)
-------	---

Fonte: Elaboração própria.

O quadro expõe a estratégia didática de professores que usam das linguagens digitais para gerar no aluno o exercício da observação, criatividade, julgamento do que se ler, leitura além da palavra e consciência do uso tecnológico para fins educativos. Vale ressaltar que todos os entrevistados mostram dificuldades, por via da falta de recursos, tanto escolar, quanto do próprio aluno, de desenvolver aulas com o apoio tecnológico. Um cenário ainda real em muitos espaços educacionais.

Entretanto, a entrevistada Hanna demonstra uma ação interessante: formula métodos de incluir todos os alunos à uma aula de análise linguística utilizando a escrita de Memes (sem expor Memes *online*, mas, tornando possível o acesso por via da exposição destes em imagens impressas); é uma ação de extrema relevância, levando em consideração a existência de falta de recursos de tecnologias digitais, a professora aqui busca oportunizar um conhecimento de análise e criticidade para com a linguagem apresentada, através de suas metodologias de alcance inclusivo na sala de aula. Isso converge com a BNCC (2016), quando ali é revelado a construção de criticidade a alunos que estão envoltos nessa realidade digital, mediante à ação de mediação docente.

Isto demonstra que, mesmo em cenários difíceis, o professor pode possuir sentidos inovadores e criativos na construção e mediação de conhecimentos, pois, isso contribui para que todos os alunos tenham oportunidade de adquirir saberes necessários, além de estar buscando propor conhecimentos de uma leitura analítica e pautada na consciência crítica do aluno.

A entrevistada Brenda, alinha às questões de falta de internet e recursos tecnológicos na escola, algo primordial na atuação docente: a formação continuada

A cada ano a tecnologia vai possibilitando essas novas linguagens. geral desafios, principalmente, na parte de ensinar, já que vem surgindo novas linguagens. É uma escassez muito grande em relação às novas formações os professores, o que revela carências na formação continuada dos profissionais da Educação.

No entanto, mesmo com essas carências, alguns dos entrevistados, mostram ações com sentido de gerar saberes para o uso social, como a entrevistada Aline, por exemplo que expõe:

nós, passamos a fazer as correções de língua portuguesa dentro do WhatsApp. Por quê? Porque é a linguagem usada no WhatsApp e eles fazem a abreviação de tudo. Nós tínhamos um grupo de WhatsApp, onde a gente mantinha a comunicação, professor e alunos. E nós começamos a usar a ferramenta pra ajudar-nos a desenvolver a escrita da língua portuguesa, como de fato é pra ser escrita, ortograficamente falando. E eu acho que isso foi um ponto muito positivo, porque eles passaram a se policiar e policiar os demais. O colega postava uma mensagem e aí quem via a mensagem dizia “Ah, tu errou, tu colocou VC, na próxima vez no lugar de VC, é pra colocar você”. Então eles mesmos estavam se autocorrigindo, às vezes com o erro de alguns, e ajudando o colega a se corrigir. (Entrevistada Aline).

Fica evidente que, através do *Whatsapp* – em meio a conversas reais em grupos de conversas das escolas –, a linguagem escrita é posta como objeto de análise, incentivando os alunos a reconhecerem a relação da gramática com a comunicação.

Do mesmo modo, por meio dos Memes e até mesmo interações *online* (comentários em espaços virtuais), como mostra Brenda, onde há uma ação didática de noção para com a análise crítica.

a gente tem muitos Memes com erros ortográficos, eu utilizo eles, faço a impressão, mostro no quadro, mostro onde houve o erro, às vezes também a gente faz análise de comentários, há muitos comentários com erros ortográficos, com erros de interpretação, então eu utilizo essa parte ao meu favor, para correção. (Entrevistada Brenda).

Perante todo o exposto, observamos que os entrevistados, ao serem perguntados sobre o trabalho da escola (e o que é executado por eles) condizente às novas linguagens digitais, o que fica evidente nas suas falas é que, de um modo geral, todos entendem a necessidade de formar cidadãos que possuam saberes concernente a assuntos gramaticais, de certa forma, apoiam-se na alfabetização do aluno quanto a saberes técnicos da escrita e fala, o mesmo que Soares (2002) e Ribeiro e Freitas (2011) esclarecem como método de alfabetizar; isto é, ensino da técnica. Sendo que, fica notório, também, a preocupação acerca de uma contextualização de processos de leitura reflexiva e ações criativas pelo aluno.

4.3 Práticas pedagógicas, linguagens e letramento digital

A ação pedagógica, com vias a propor uma formação ampla do sujeito no quesito letramento, incorpora-se como uma necessidade real para o desenvolvimento de estudantes mais preparados no que concerne a compreender determinada questão e se posicionar/agir e transformar por meio de seus saberes.

Diante disso, os sete entrevistados foram questionados sobre o que pensam referente ao letramento digital na formação do aluno contemporâneo, assim como a sua importância. Mediante isso, verifica-se que todos os entrevistados concordam que a carência estabelecida por consequência da falta de inclusão digital de alguns alunos, fato que impossibilita a ação pedagógica com tecnologia, coloca-se como uma das maiores dificuldades na efetivação do letramento. Este cenário revela que, embora haja desejo do professor, faltam-lhes aparatos para ação.

O problema de ação pedagógica, inicia na inclusão de acesso, pelos docentes e discentes, no interior da escola.

Fábio diz que:

O professor é só o professor. Sem ferramenta a gente não consegue trabalhar da forma que gostaria de trabalhar. A gente tem o conhecimento sim. A gente tem alguma habilidade, a gente tem sim. Mas o conhecimento e a habilidade sem recursos se tornam uma carga muito pesada. (Entrevistado Fábio).

Fica evidente a dificuldade que há no quesito de o professor propor aulas com o uso de ferramentas tecnológicas digitais, visto que existe uma carência de suporte tecnológico necessário para efetivação das habilidades que se propõe desenvolver; a situação chega a construir, na visão dos entrevistados, uma condição inoperante. A entrevistada Hanna resume a perspectiva que todos exploram ao afirmar que “existe uma falta de domínio e falta de orientação. O professor poderia contribuir, mas só que para a realidade nossa eu acho distante ainda.” (Entrevistada Hanna). Ver-se aqui, um certo desânimo ocasionado pela realidade imposta, vendo o letramento digital como algo distante.

Ainda sobre isso, a entrevistada Aline indagou “letramento digital? Talvez daqui uns anos”, ou seja, o letramento digital, encontra-se como uma utopia, algo distante, para alguns educadores, por consequência das dificuldades de inclusão que são evidentes.

Por base disso, é visível que todos os entrevistados responderam positivamente quando perguntados o que pensavam do letramento digital em relação ao aluno contemporâneo. Qualificam como: *importante* e algo que é *necessário para a atualidade*. Pois, entende-se que a sociedade, nessa Era Digital, gerou a necessidade, tanto de habilidades técnicas, como desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas para com o que se ver/busca através das tecnologias digitais.

Assim, fica evidente que os entrevistados demonstram preocupações quanto ao manuseio dos alunos nas redes digitais. Estes demonstram desfavor para com questões de crítica, análise e construção. Esse cenário, com base no que foi dito, é presente por via do uso sem monitoramento, instruções e mediação ao aluno. Aline, cita a base familiar como primeira instituição que provoca um descontrole do uso digital, isso porque mostram-se como primeiros agentes dos hábitos desregulares e desviados de sentidos educacionais aos adolescentes.

Assim, consideram importante o trabalho com letramento digital na formação do aluno contemporâneo. Porém, de um modo geral, todos veem como algo distante da realidade escolar em que trabalham, pois, não há, em suas visões, meios para se fazer a mediação necessária.

Ainda sobre essa questão, ao serem perguntados a respeito de suas práticas pedagógicas com as tecnologias e as linguagens digitais terem, ou não, relação com o letramento digital, ver-se que os entrevistados demonstram uma visão que explicita aproximação e distanciamento para com as linguagens e letramento ambientados no digital, em suas práticas.

Para a entrevistada Isla, o Letramento Digital é “o uso das tecnologias para benefícios próprios e não para deixar de fazer algo bom; é usar a tecnologia para fazer algo de bom, que tenha proveito, que tenha futuro, que tenha fundamentos”; a entrevistada Hanna ver como

O letramento digital é mudar aquela mania de usar um celular apenas para estar fazendo uma brincadeira, e eles utilizarem para o aproveitamento deles mesmo. Porque de ter muito aproveitamento em conteúdos digitais, conteúdos da internet, tem muito. Agora a pessoa precisa aproveitar isso.
(Entrevistada Hanna)

Porquanto, ambas demonstram entendimento semelhante, pautado no uso das tecnologias de modo a ter resultados significativos ao usuário. Assim, há uma certa correlação com a BNCC (2016), quando esta afirma a necessidade de conhecimentos que venham dar sentido de segurança aos adolescentes, ou seja, identificação de

fake news, sites impróprios, proteção contra práticas de ações imorais, dentre outros. Realmente, o Letramento Digital pode estabelecer essa condição, pois, este, possibilita ao indivíduo desenvolver crítica, análise e observação; o que, o leva a escolher aquilo que tenha utilidade, como afirmam as entrevistadas.

Fábio demonstra que,

O letramento digital quando se associa à vida prática a gente observa um distanciamento enorme. Seria importante, sim, fazer uma associação entre o que se faz na vida real com a linguagem do mundo digital, porque uma vez que quando o aluno se acostuma muito a usar apenas a linguagem digital, vai refletir na linguagem que ele usa no seu dia a dia. (Entrevistado Fábio).

Na opinião deste entrevistado, o letramento digital condiz com a ação na sociedade com os conhecimentos adquiridos no meio tecnológico. Porém, é notório uma preocupação, ele admite que os reflexos de fala e escrita da internet no contexto social físico podem ser problemáticos. Nesse sentido, parece que há, em certa medida, uma associação de que o letramento digital significa uma *alfabetização de linguagens digitais*.

Em um sentido semelhante, Paulo mostra que

o letramento digital, primeiro a gente tem que aprender a ler, escrever, oral e verbalmente, né? E fazendo isso, o digital vai ajudar a assimilar mais ainda o ensinamento na vida deles. O letramento digital é isso, o aprendizado daquilo que é passado na internet e a facilidade de se conectar com aquilo.

Aqui, o letramento digital parece se resumir a saberes técnicos. Perspectiva também evidenciada pela entrevistada Giulia, quando diz que “letramento digital, na minha opinião, deveria ser o contato deles com o computador, a digitação em si. Na minha opinião, né? Eu não sei muito o que significa o termo, mas eu vejo a necessidade deles terem aulas de digitação”. Portanto, considera como um mero saber técnico: alfabetização e não letramento.

Por fim, a entrevistada Aline coloca que “o letramento digital, é não ficar presa a lousa, ao copiar o questionário e dar minhas respostas da forma como, eu aluno, imagino que o professor vai querer a resposta. Letramento digital é viajar”, isto é, compreende como uma inovação para a busca do saber, um posicionamento de transformação quanto a forma de estudar. Já a entrevistada Brenda, apresenta o conceito de letramento digital mais aproximado às discussões dos autores que apontamos acima. Para ela,

Letramento é quando o aluno é alfabetizado e é letrado. Ele entende códigos, ele entende não só letras ou palavras, ele sabe interpretar e

codificar aquilo que foi passado. E o letramento digital é isso. Além de possibilitar a escrita e as informações, a criança têm essa opção de entender. Porque o letramento digital é isso. Olha, porque não adianta eu ler, eu preciso interpretar, preciso codificar.

Portanto, há um sentido de criticidade, significação, transformação e interpretação em função de habilidades digitais. Observa-se, então, que o Letramento Digital incorpora sentidos além da técnica. É nítido, então, que isso deixa explícito a correlação entre o saber do professor e suas práticas pedagógicas. Ao caracterizar o letramento digital como mero saber técnico, as ações pedagógicas sincronicamente tenderão a funcionalidade da técnica.

Nota-se, então, uma carência que resulta da junção de todos os desafios expostos até aqui, para com uma ação pedagógica com sentido no uso de tecnologias, sendo: carência de formação continuada, de recursos nas escolas e alunos com necessidades além da alfabetização midiática; sobretudo, uma posição de inovação das práticas do professor.

Por fim, contemplamos a relevante presença de proposições pedagógicas estabelecidas no entorno de ações voltadas com fins de formação crítica e criativa no aluno contemporâneo, considerando a necessidade de urgência em um desenvolvimento de Letramento Digital na mediação educacional dos adolescentes. Tendo em vista a real necessidade exposta aqui, fica evidente a ligação do saber técnico ao Letramento e suas resoluções em práticas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu a análise para com o a ação docente diante de variadas manifestações tecnológicas digitais que atingem as formas de letramento digital do aluno contemporâneo. Por meio das entrevistas, foi possível analisarmos a percepção e proposições de professores para com a formação do aluno contemporâneo e sua relação com o letramento digital, demonstrando a realidade concernente aos desafios enfrentados pelos docentes e as habilidades e linguagens com viés de Letramento Digital e como estão presentes no contexto escolar

Assim, foram evidenciados as ações docentes com via a propor o desenvolvimento do letramento digital dos alunos, além de que foram vistas as dificuldades existentes no contexto escolar, referente ao ingresso tecnológico digital e de novas linguagens – as quais não se limitam a falta de tecnologias, mas apresentam-se tanto na desmotivação de alunos para o alcance de conhecimentos reais e definidos pela escola, quanto pela necessária inovação para com as práticas pedagógicas que contextualizem as linguagens e letramento digital.

Levando em consideração a extrema relevância do desenvolvimento crítico/analítico e criativo do aluno contemporâneo, observamos que se faz necessário um entendimento teórico e ação prática do professor, relativo ao próprio letramento digital. Intencionando o desenvolvimento de saberes e sentidos pedagógicos com via a ser posto na realidade do aluno um conhecimento significativo e real. Esta pesquisa, pode contribuir no acréscimo de análises quanto a esta questão, quiçá aos professores que trabalham na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. S.; SILVEIRA, A. C.; LOPES, C. O.; AMARAL, L. O.; GOULART, I. C. V.; MARTINS, R. X. Letramento digital: uma reflexão sobre o mito dos “Nativos Digitais”. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 615–625, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89222>. Acesso em 12 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em 23 nov. 2023.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G.S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. Minas Gerais: Monte Carmelo. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CARVALHO, K. S.; GABRIEL, R. Escrever à mão versus digitar: implicações cognitivas no processo de alfabetização. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 4, p. 1-13, out./dez. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/37514>. Acesso em 23 nov. 2023.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (Cetic.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2022**. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/>. Acesso em 20 jan. 2024.

DOMINGOS, A. C. M. Hiperleitura e leituras: pensando a formação de hiperleitores. In: RAABE, A. L. A. et al. **Educação criativa: multiplicando experiências para a aprendizagem**. Recife: Pipa Comunicação, 2016. p. 109-157. (Série professor criativo, IV). Disponível em: https://www.academia.edu/33308280/Hiperleitura_e_leituras_pensando_a_forma%C3%A7%C3%A3o_de_hiperleitores. Acesso em 23 nov. 2023.

ELICKER, A. T. Prática pedagógica interdisciplinar para (multi)letramento em anos finais do ensino fundamental. 2019. **Dissertação** (Mestrado em Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Feevale. Disponível em: <https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000019/000019d6.pdf>. Acesso 12 dez. 2023.

FAVRETO, E. K.; FRANCO, A. E. R.; JESUS, G. M. C.; DEOSTI, L.; BATISTA, M. C. O letramento digital como processo de ensino e aprendizagem em uma nova configuração social. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 14–21, 2022. Disponível em: <https://doaj.org/article/b187e60ed0a34258a45814de8f61f9fb>. Acesso em 08 jan. 2024.

LEITÃO, C. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) **Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa**. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-3/>.

MACHADO, I. A.; RAMOS, D. O. Alfabetização semiótica com os códigos informático-digitais da internet. **Comunicação & educação**, Ano XXIV, n. 2, p. 38-53, jul/dez. 2019. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002995439>. Acesso em 10 jan. 2024.

PISCHETOLA, M.; HEINSFELD, B. D. “Eles já nascem sabendo!”: desmistificando o conceito de nativos digitais no contexto educacional. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/85929/0>. Acesso em 10. Jan. 2024.

REZENDE, M. V. O conceito de letramento digital e suas implicações pedagógicas. **Texto Livre**, Belo Horizonte - MG, v. 9, n. 1, p. 94–107, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5771/577160975008/html/>. Acesos em 15 nov. 2023.

RIBEIRO, M. H.; FREITAS, M. T. A. Letramento digital: um desafio contemporâneo para a educação. **Educ. Tecnol.**, Belo Horizonte, Vol. 16, N° 3, p. 59-73, set./dez 2011. Disponível em: <https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/revista-et/article/view/398>. Acesso em 12 mar. 2023.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br> >. Acesso em 12 out. 2023.

UNESCO. A lógica por trás do desenvolvimento do Marco de Avaliação da AMI. In: UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI)**: disposição e competências do país. Brasília: UNESCO, Cetic.br, p. 21-40, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246385>. Acesso em 09 out. 2023.

VAGHETTI, D. W.; SANTOS, R. C.; MINUZI, N. A. **O letramento digital e o uso das tecnologias na educação básica: um desafio para a autonomia digital**. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/1877/Daisy%20Winicki%20Vagheti.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 nov. 2023.